

Negócios da China

O presidente Fernando Henrique Cardoso segue hoje para a China, em uma das mais importantes viagens de sua diplomacia, tanto pelos aspectos econômicos quanto pelos políticos. Desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, em agosto de 1974, no governo Geisel, Brasil e China não pararam de estreitar seus laços em todos os campos de atividade, das parcerias empresariais ao setor espacial, da compra e venda de mercadorias e serviços à troca de know-how tecnológico e de experiências em diversos campos de atividade.

A China é a “bola da vez” no cenário internacional. Dados do FMI, citados pelo economista e comentarista Joelmir Beting, indicam que cerca de US\$ 112 bilhões já foram injetados na economia chinesa pelos bancos e multinacionais desde 1988 até o corrente ano. Os capitais de risco, destinados ao setor produtivo, totalizam US\$ 78 bilhões, diz o economista.

Esse regime de “socialismo de mercado”, que combina, com arte chinesa, o centralismo político e autoritário do Partido Comunista com a mais ampla liberdade de iniciativa econômica tem assombrado os observadores em todo o mundo. E não é para menos. A taxa de crescimento anual da economia chinesa anda na casa dos 11%, algo assombroso, que o Brasil só conheceu em um dos anos dourados do governo desenvolvimentista de JK. É claro que tal crescimento é desordenado e gera não poucas reper-

cussões sociais negativas, como o aumento do êxodo rural para as cidades e o fenômeno da inflação.

Apesar de inspirar aos investidores internacionais novos e mirabolantes “negócios da China”, a grande nação asiática não chega a ser a monopolizadora das atenções internacionais. O Brasil, e com ele o Mercosul, desenha-se como nova fronteira atraente de investimentos estrangeiros, inclusive por contar com infra-estrutura de serviços e de mão-de-obra que só agora a China tenta construir às pressas.

Brasil e China, na verdade, são duas estrelas emergentes do cenário econômico e político internacional. Por isso, os presidentes de ambos os países têm muito o que conversar, não apenas quanto às relações bilaterais, incluindo as joint-ventures de empresas brasileiras com chinesas, mas também quanto aos temas internacionais da atualidade. Não existe, nesse aspecto, nenhum problema insolúvel entre Brasília e Beijing. E a parceria econômica, que já vem dando certo, pode muito bem ser ampliada aos grandes temas internacionais, como as novas regras do comércio mundial e a redistribuição do poder político no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Assuntos que o presidente FHC certamente não deixará de abordar nesse diálogo de alto nível com os dirigentes de uma grande nação que cresce em todos os setores e já ocupa sua cadeira permanente no conselho da ONU.